

**Eixo N° 2:** Da demanda à entrada em análise: seus impasses, o gozo, o Um, formalizações possíveis

**Da demanda à entrada em análise: seus impasses, o gozo, o Um. Formalizações possíveis**

**Coordenadores:** María Victoria Clavijo (NELcf. Quito, Ecuador) / Felipe Maino (NELcf. Santiago, Chile)

**Integrantes:** Julia Avilés (Guayaquil, Ecuador), Valentina Biénzobas (Santiago, Chile), Iván Delgado (Maracaibo, Venezuela), Felipe De Pontes (Santiago, Chile), Silvana Gallegos (Guayaquil, Ecuador), Luz Adriana Mantilla (Bogotá, Colombia), Paul Mata (Caracas, Venezuela), Gabriela Pazmiño (Quito, Ecuador), Mónica Pelliza (Cochabamba, Bolivia), Pedro Trujillo (Arica, Chile)

**Dar conta das formas possíveis**

Começamos o relatório desta pesquisa com o último sintagma do eixo: formalizações possíveis. Trata-se precisamente de situar as formas da demanda, as formas da entrada, que, de acordo com suas definições, as reconheceremos em conjunção ou disjunção relativa.

Interessa-nos a equivocidade da formulação do eixo, que pode ser lida como: 1) Da demanda à entrada em análise, ou seja, a demanda como ponto de partida de um percurso que encontraria uma passagem que chamamos de entrada; ou 2) Da forma que a demanda adquire no ponto em que ocorre a entrada em análise. Ambas as ênfases são possíveis e não esgotam, ademais, a investigação das formas que podem ser postas em jogo ali.

**Uma demanda possível no início e uma entrada possível**

Uma forma é descrita e desenvolvida por Miller em seu texto de 1982, “C.S.T”<sup>1</sup>. Ali ele ecoa a fórmula de Lacan: no início está a transferência. E é assim mesmo antes do encontro com o analista, pois já existe transferência ao enigma de uma significação. O paciente viria com sua

---

<sup>1</sup> Miller, J.-A., “C.S.T.”, *Clínica Lacaniana. Casos clínicos do Campo Freudiano*. Irma. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.

“pré-interpretação”<sup>2</sup>. Assim, assinala que as entrevistas preliminares seriam secundárias, na medida em que já haveria certa transferência presente. Nesse ponto, Miller indica ser um erro localizar-se exclusivamente a partir da demanda; essa articulação transferencial deve ser suposta. Perguntamos: qual transformação na entrada, já no encontro com o analista? Ela se distinguiria da demanda pré-interpretativa? Qual o índice diferencial?

“Índice” é o conceito que Miller localiza em “C.S.T.”; ele desejaria um índice que verificasse que houve um quase-passe, um passo inicial nas entradas em análise. Ele arrisca a ideia de “abalo da rotina”, de um “golpe desferido na segurança que o sujeito encontra na fantasia”<sup>3</sup>.

Não é nesse texto de 1982, mas em um de 12 anos depois, apresentado como um texto de orientação para este ENAPOL, que Miller propõe um índice no qual nos detivemos<sup>4</sup>. Ele localiza um sintagma formal para se referir à pré-interpretação e até mesmo à interpretação analítica: “modo irresponsável”, como ele chama. Ressalta que uma análise poderia se prolongar por muitos anos sob a forma de análise sem conclusão, sem efeitos:

Então, para circunscrever o modo de dizer próprio à psicanálise, não basta formular que se trata de produzir enunciados que não tomamos em nossa conta. É preciso ainda que esses enunciados sejam colocados na conta de meu inconsciente<sup>5</sup>.

Assim, Miller avança do questionamento das palavras que articulam uma escrita inconsciente, tratado em “C.S.T.”, para a leitura do enunciado indizível, leitura que implica a enunciação em questão e que é a saída do modo irresponsável, digamos então, a entrada que localiza um “modo de dizer” implicado do analisante.

Observe-se que essa perspectiva situa tanto um trânsito da demanda do início transformando-se em direção à entrada, quanto uma forma da demanda na entrada, uma demanda entrante que não deixa de ter, digamos, um ponto de irresponsabilidade, pois ao se articular para o analista, “fecha sua beância”<sup>6</sup> assinala Miller<sup>7</sup>. É a demanda que perdurará sob a forma de neurose de transferência.

Tendo feito essas distinções, constatamos que ainda não se trata de um panorama exaustivo.

---

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 1

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 10.

<sup>4</sup> Miller, J.-A., *Come iniziano le analisi*, Disponível em:

<https://enapol.com/xi/pt/portfolio-items/come-iniziano-le-analisi/?portfolioCats=149>, Acessado em: 28/08/23.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>6</sup> N. T.: Na publicação em português, optou-se pelo termo beância, contudo, o termo hiância também caberia e tem se consagrado pelo uso.

<sup>7</sup> Miller, J.-A., “C.S.T.”, *op. cit.*, p. 12.

## **Demandantes desabonados. Algumas outras formas**

Uma nova distinção pode ser encontrada no que Miller distingue como a demanda da irmã de Charly Brown, Sally. Sobre sua disposição, Miller especifica: “(...) que é sobretudo de desconfiança e recusa em relação à ordem significante. É por esta razão que ela tem muito mais dificuldades na escola; ela não entra no jogo”<sup>8</sup>. E, de fato, se olharmos para essas tiras de *Peanuts*, Sally não fala com o Outro, mas se dirige ao muro da sua escola, somente ali encontra compacidade, pois detesta o que se abre diante dos deslocamentos do significante; diante deles, reclama: “*What is it supposed to mean? O que supostamente isto quer dizer?*” E aqui Miller nos oferece outra fórmula: “uma demanda de metalinguagem”. Ele nos indica: “Isto demanda, ao outro que lhes fala, que lhes dê as instruções sobre sua fala ao mesmo tempo em que lhes fala [...]. Isto é exigir a regra para entender o significante”<sup>9</sup>.

Isso, é claro - e Miller o expressa com Wittgenstein -, é impossível de formular, pois ao querer dizer a regra que explica o significante, logo se deve formular a regra que explica a regra, e assim por diante indefinidamente. Mas o fato de essa regra não ser logicamente formulável, não nos impede de encontrar a forma Sally: a demanda por metalinguagem. Trata-se de uma forma pouco disponível a se enlaçar com o Outro (sempre incompleto) e o sutura em ditos fechados por meio de uma demanda de enclausuramento. Por vezes, ela assume a forma de ordens absolutas, de diagnósticos fortemente rotulados, e de descrença e saída rápida do dispositivo, ao demandar que se demonstre que isso não serve para nada.

Essa forma que Miller nos propõe, “demanda de metalinguagem”, nos permitiu investigar a via que, em *A experiência do real*, ele nomeia de “Outro do Outro” como sintagma do Um, pois ele também se fecha em si mesmo. É fundamental observar que essa é, para Miller, a fórmula do “individualismo moderno”<sup>10</sup>. Oportunidade para pensar a época em termos da demanda e uma oportunidade de investigar o Um como uma declinação proposta neste eixo que estamos investigando. Aqui seguimos Laurent. O que ele especifica em torno do Um é a iteração do gozo, assinalando, o “gozo real fundamental”<sup>11</sup>. Desse modo, as formas que encontraremos no início serão aquelas que Miller declina como figuras do Um: cínicos, idiotas, charlatães do *blá, blá, blá*, e a forma masturbatória em sua generalidade<sup>12</sup>. Nisso reconhecemos um parentesco entre o terceiro paradigma do gozo que situa

---

<sup>8</sup> Miller, J.-A., *Come iniciano le análisis*, op. cit.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>10</sup> Miller, J.-A., *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*, Buenos Aires, Paidós, 2011, p. 271.

<sup>11</sup> Laurent, E., “El Uno solo”, *Freudiana*, n°83, Barcelona, 2018, p. 77.

<sup>12</sup> Miller, J.-A., *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*, op. cit., p. 272-273.

um “gozo maciço”<sup>13</sup> de definições imperativas e o sexto que faz do Um uma forma de individualismo moderno.

Essa demanda sem Outro, tão diferente da forma como nos apresentamos no início, supõe um índice de entrada não mais no encontro com o real (e aqui estávamos seguindo a fórmula de Lacan: o engano do sujeito suposto saber), e sim, como Laurent aponta: um esforço para ampliar os circuitos significantes, para “tentar enodá-lo com o circuito do Outro”<sup>14</sup>.

Não é fácil localizar um índice da entrada da análise a partir da perspectiva do Um, como o próprio Lacan afirma ao assinalar que essa dificuldade reside justamente no fato de que esse Um “não é passível de inscrição”<sup>15</sup>, pelo menos não nos moldes em que estamos acostumados a anotar os índices do Outro no sujeito. No entanto, na análise se fala dele, indica Lacan, o Um assume diferentes vertentes e o corpo é uma delas, o corpo na medida em que se mantém unido, como indivíduo. Situemos aí a demanda uniana do indivíduo moderno. E a entrada pelo Um? Observemos a pista dada por Lacan:

(...) o primeiro passo da experiência analítica é introduzir nela o Um, como o analista que se é. Nós o fazemos dar o passo de entrada, e com isso a primeira forma de manifestação do analisando é censurar o analista por ser apenas um entre muitos. E, desse modo, o que ele manifesta, mas sem aperceber, é claro, é que ele não tem nada a ver com esses outros, e é por isso que gostaria de ficar sozinho com o analista, para que faça dois<sup>16</sup>.

E delimita: “(...) a questão seria dele perceber que dois é esse Um que ele acredita ser, e no qual se trata de ele se dividir”<sup>17</sup>. A via não será a do diálogo, mas situar que aquilo que se delineia no dizer ganhe forma, dando lugar a um hiato no dizer.

Abrir o campo do Um vetorizou a pesquisa em torno do *parlêtre*.

### **Demanda e entrada do *parlêtre***

Jacques Alain-Miller, na apresentação do Congresso do Rio, diz que analisar o falasser não é mais exatamente a mesma coisa que analisar o inconsciente no sentido de Freud, é o que já o fazemos, resta-nos saber dizê-lo<sup>18</sup>.

---

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 267.

<sup>14</sup> Laurent, E., “El Uno solo”, *op. cit.*, p. 78. Tradução livre.

<sup>15</sup> Lacan, J., *O seminário, livro 19, ... ou pior*, Rio de Janeiro, Zahar, 2012, p. 121.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 123.

<sup>17</sup> *Ibidem*.

<sup>18</sup> Miller, J.-A., “O inconsciente e o corpo falante”. *In.*: Miller, J. *O Osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro, Zahar, 2015, p. 127.

Esse *parlêtre* que já analisamos, como ele entrou em análise, a partir de qual demanda?

A urgência foi a condição para o surgimento do discurso analítico<sup>19</sup>. Constatamos na atualidade que ela também marca a temporalidade do tratamento, comprimindo-o, uma vez que o momento de irrupção do gozo é superado, dando forma, não ao sintoma, mas à cadeia do discurso. Assim, escandem-se trechos do tratamento que serão marcados por novas irrupções de gozo, o que motiva um novo chamado que, por sua vez, permita um novo, porém frágil, enodamento. A entrada não permanece como uma possibilidade inexistente; ao contrário, uma certa flexibilidade na posição do analista permite esses trechos, até que uma frequência que responda por um ritmo tolerável para o sujeito se consolide.

A demanda dirigida ao terapeuta, se está mediada pela ficção que cada um constrói sobre o Outro, deve ser tratada com toda delicadeza, pois nem o sujeito sabe o que a provoca, nem o analista sabe de qual singularidade se trata. O que o analista “deve saber, é identificar o registro e calcular o peso de sua resposta”<sup>20</sup>. A instalação da transferência está, portanto, submetida a essa temporalidade das sessões. Cabe perguntar se ela chega a se instalar definitivamente, ou se o analista serve de suporte para um Outro que vai nascendo nessas escansões, à maneira do *fort-da* dos encontros.

O Outro e o desejo são realizados como evanescentes nas demandas atuais. Não apenas são evanescentes devido à própria estrutura da linguagem, mas os próprios corpos aparecem e desaparecem, por não suportarem essa hiância que se faz presente a cada vez que se fala.

“Qualquer crítica que fosse a nostalgia de um inconsciente em seu desabrochar, [...] seria ela puro idealismo”<sup>21</sup>, a própria prática nos leva ao que conduziu o próprio Lacan: uma promoção daquilo que constitui o que há de mais próprio do inconsciente que renova a psicanálise, a saber, sua relação intrínseca com o gozo. E, nesse ponto, seguimos os rastros do texto de orientação de Luis Tudanca: “Se não pode submeter-se ao deciframento, falha o que chamamos de sujeito em psicanálise. Sim, mas agora entramos em cheio no terreno do *parlêtre*, do corpo falante”<sup>22</sup>. E o fato de Tudanca precisar em seu texto que o desabonado do inconsciente não é desabonado do *sinthoma*, da singularidade, justifica o cuidado que temos em saber dizer as novas formas de demanda e de entrada, na prática analítica hoje.

---

<sup>19</sup> Lacan, J., *O seminário, livro 19, ... ou pior, op. cit.*, p. 70

<sup>20</sup> Delcourt, C., “La demanda en forma de preguntas”, *¿Cómo orientarse en la clínica?* UFORCA, Buenos Aires, Grama, 2018, p. 39. Tradução livre.

<sup>21</sup> Lacan, J., “O engano do sujeito suposto saber”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 332.

<sup>22</sup> Tudanca, L., “Abonados e desabonados”. XI ENAPOL. Disponível em: <https://enapol.com/xi/pt/portfólio-itens/abonados-e-desabonados/>, Acessado em: 23/08/2023.

## Uma forma possível de conclusão.

Concluiremos com um sintagma de um dos últimos cursos de Miller: o amorfo<sup>23</sup>. Se uma disposição do amorfo pode ser essa pré-interpretação que mencionamos e que pode ser formalizada nas vias do discurso inconsciente, o amorfo nem sempre começa como uma demanda para obter a significação enigmática, abonada ao inconsciente. Há um amorfo mais radical que, a partir do Seminário 20, Lacan escreveu J., um gozo que não está mais necessariamente articulado nas coordenadas do discurso e na forma do que é estruturado como linguagem; “(...) com o ‘J’, a coisa explodiu. Em seguida, começou a pensar a estrutura do nó, que não tem mais nada a ver com a estrutura da linguagem”<sup>24</sup>. Isso foi de particular interesse para nós em nosso percurso de investigação: constatar, por assim dizer, que há amorfos abonados do inconsciente e amorfos desabonados. Para os primeiros, a relação estrutural é tida como certa; para os segundos, é necessário descartar esse apriorismo transcendental, situar as consequências da não-relação e abrir-se à invenção.

Com *Mais, ainda* [...] o pragmático substitui o transcendental. Nós tornamos muito mais exigentes em relação àquilo que é necessário e ao que não é. Precisamente, a estrutura implica furos e neles há lugar para a invenção, para o novo, para conectores que nem sempre estiveram lá<sup>25</sup>.

Às vezes, em uma análise, a sucessão de significantes indica o caminho. Mas não é certo que o que encontramos na prática responda a esse esquematismo linear, mas talvez o que localizamos como um impasse na entrada, e na análise em geral, responda a outro “esquematismo, o nodal, que não implica um começo e um fim, mas sim deslocamentos limitados, enlaçados, que tornam possíveis muitas formas diferentes”<sup>26</sup>.

Revisão da tradução: Paola Salinas  
Revisão: Luis Francisco Camargo

---

<sup>23</sup> Miller, J.-A., *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Jacques Lacan*, Rio de Janeiro, Zahar, 2011, p. 100.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p.108.

<sup>25</sup> Miller, J.-A., *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*, op. cit., p. 275. Tradução livre.

<sup>26</sup> Miller, J.-A., *El lugar y el lazo*, Buenos Aires, Paidós, 2013, p. 92. Tradução livre.